



SÍNTESE DOS EPISÓDIOS D' OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES ESTUDADOS EM AULA

PROPOSIÇÃO (CANTO I, ESTROFES 1 A 3)

Consulta a página 193 do teu manual e a ficha “Proposição”

Nas três estrofes iniciais da epopeia, o poeta enuncia o propósito (isto é, o objetivo) da obra, afirmando que se propõe cantar os heróis e as proezas que lhes deram esse estatuto: os navegadores que, sulcando mares desconhecidos, venceram obstáculos que estavam para além «do que prometia a força humana» e construíram um «novo Reino» (o Império português no Oriente) ; os reis portugueses que espalharam a Fé católica e o Império português e, enfim, todos os homens que, graças aos seus feitos gloriosos, se tornaram imortais, uma vez que se libertaram da «lei da morte» (o esquecimento).

Depois de o comparar com os heróis míticos da Antiguidade, o poeta sintetiza o protagonista da sua epopeia com a expressão «peito ilustre Lusitano», que é, afinal, todo o povo português, ou seja, os Portugueses que realizaram grandes feitos. O herói desta epopeia é, pois, um herói coletivo que supera os heróis da Antiguidade e que dominou o mar e a guerra («a quem Neptuno e Marte obdeceram»).

INÍCIO DA NARRAÇÃO E EPISÓDIO “CONSÍLIO DOS DEUSES” (CANTO I, ESTROFES 19 A 42)

Consulta as páginas 199 a 202 do teu manual e o questionário sobre este episódio

Narrador: não participante (o poeta)

Planos narrativos: plano da Viagem (estrofes 19 e 42) e plano Mitológico ou plano dos Deuses (estrofes 20 a 41)

Personagens: Júpiter, Baco, Vénus, Marte, Mercúrio

Quando a armada de Vasco da Gama já se encontrava no oceano Índico, navegando com ventos favoráveis, tem lugar o Consílio dos Deuses. Júpiter, senhor máximo do Olimpo, enviara Mercúrio, o deus mensageiro, convocar todos os deuses para uma reunião em que se discutirá «as cousas futuras do Oriente» (I, 20), isto é, o destino da Índia onde os portugueses tentam chegar por via marítima.

Júpiter abre o consílio, sentado no seu trono, com a coroa na cabeça e o cetro na mão, estando todos os deuses posicionados de acordo com a sua importância. Num tom forte e seguro, Júpiter faz o seu discurso em que exalta o valor do herói d'Os Lusíadas: está escrito no destino que a fama dos corajosos lusitanos se sobreponha à dos heroicos povos da Antiguidade. Os portugueses têm um passado de vitórias contra os romanos, os mouros e os castelhanos e estão agora prestes a chegar ao Oriente, onde dominarão o oceano Índico e onde, depois de uma viagem perigosa e cansativa, já merecem chegar. Assim, Júpiter determina que os navegadores sejam bem recebidos na costa africana para que, depois de restabelecidos, possam prosseguir a viagem.

Terminado o discurso de Júpiter, os deuses manifestam a sua opinião. Baco, deus do vinho, discorda do pai dos deuses, pois receia que a sua fama no Oriente, onde já foi celebrado, seja esquecida quando lá chegar a «gente fortíssima de Espanha» (I, 31), isto é, os portugueses. Vénus, deusa do amor e da beleza, defende uma posição contrária à de Baco. Gosta dos portugueses porque vê neles as qualidades dos seus amados romanos: a coragem revelada nas batalhas no norte de África e a língua que é muito parecida com o latim. Por outro lado, sabe que será adorada onde quer que os portugueses cheguem.

Baco e Vénus têm, cada um, os seus partidários que se envolvem numa acesa discussão, comparada a uma tempestade no Olimpo. Marte, o deus da guerra, intervém, interrompendo a discussão entre deuses quando se ergue diante de Júpiter e dá uma pancada no solo, para manifestar o seu acordo com a posição de Vénus, ou porque ainda a amava ou porque admirava a coragem dos portugueses. Dirigindo-se a Júpiter, denuncia a inveja de Baco e mostra ao pai dos deuses que seria fraqueza recuar na decisão inicialmente tomada: os navegadores deveriam ter um bom acolhimento na costa africana, onde restabelecessem as forças e encontrassem um piloto que os conduzisse até à Índia.

Assim, Júpiter decide em favor dos portugueses e dá por terminado o consílio. Entretanto, os portugueses continuam a sua navegação entre a costa africana e Madagáscar.

EPISÓDIO “INÊS DE CASTRO” (CANTO III, ESTROFES 118 A 137)

Consulta as páginas 207 a 209 do teu manual e a ficha sobre este episódio

Narrador: Vasco da Gama (que conta a História de Portugal ao rei de Melinde)

Plano narrativo: plano da História de Portugal

Personagens: D. Afonso IV, Inês de Castro, D. Pedro (não participante, apenas mencionado), os assassinos de Inês

Este episódio narra um acontecimento sucedido na 1ª dinastia, no reinado de D. Afonso IV, logo após a sua vitória contra os mouros na batalha do Salado. Inicia-se com uma apóstrofe ao Amor que é considerado o culpado pela morte de Inês de Castro uma vez que, tal como um deus cruel, exige o sacrifício de vítimas humanas.

Inês de Castro é apresentada nos campos do Mondego, em Coimbra, onde, durante a ausência do seu amado, pensa em D. Pedro. Este, que sente o mesmo amor e saudades por Inês, recusa-se a casar com qualquer outra mulher, e o seu pai, D. Afonso IV, atendendo à opinião pública («o murmurar do povo», III, 122), decide condenar Inês à morte, achando que só assim conseguiria matar aquele amor. Na estrofe 123, a narração é interrompida pela primeira vez pela indignação do narrador perante esta decisão do rei.

Ao ver Inês arrastada pelos «algozes» (III, 124), D. Afonso IV mostra piedade, mas a pressão do «povo» confirma a sua decisão inicial. Inês de Castro vai então enfrentar, com coragem e humildade, o rei e, antes mesmo de iniciar o seu

discurso, de mãos atadas atrás das costas, pede misericórdia com o olhar que levanta primeiro para o céu e baixa depois para os filhos. É nestes e na sua inocência que assenta toda a sua argumentação, lembrando ao monarca que até os animais selvagens têm piedade das crianças, através dos exemplos da mitologia clássica de Semíramis, criada por pombas, e de Rómulo e Remo, criados por uma loba. Inês apela ainda à humanidade de D. Afonso IV, pedindo-lhe que, tal como soube dar a morte na guerra contra os mouros, saiba agora dar vida a uma inocente. Desesperada, apresenta uma alternativa à sua morte: o exílio, onde, entre «leões e tigres» (III, 129), possa criar os seus filhos.

Mais uma vez, o rei comove-se, mas a vontade do povo e o destino de Inês de Castro são mais fortes e esta é cruelmente morta, oferecendo-se ao sacrifício como Policena ou como uma «paciente e mansa ovelha» (III, 131). A destruição da vida e da beleza de Inês de Castro através dos golpes de espada que atingem precisamente o seu «colo de alabastro» (III, 132) provocam uma nova interrupção da narração. O narrador faz uma apóstrofe ao Sol, sugerindo-lhe que se deveria ter eclipsado naquele dia, e aos vales que repetiram a última palavra saída dos lábios de Inês: «Pedro». Em seguida, compara a «pálida donzela» (III, 134) já morta a uma flor do campo precocemente colhida.

O episódio termina com a referência à lenda da Fonte dos Amores, nascida das lágrimas choradas pelas mulheres de Coimbra, e à vingança de D. Pedro que, depois de se tornar rei, perseguiu e castigou os assassinos da sua amada e todos os criminosos do reino.

EPISÓDIO “BATALHA DE ALJUBARROTA” (CANTO IV, ESTROFES 28 A 45)

A batalha da Aljubarrota, que ocorreu a 14 de agosto de 1385, no contexto da luta pela sucessão do trono português, teve uma importância determinante, pois desmoralizou o inimigo castelhano e aqueles que o apoiavam e praticamente assegurou a continuidade da independência nacional.

Consulta as páginas 217 a 219 do teu manual e, se necessário, a contextualização histórica (em “powerpoint”)

Narrador: Vasco da Gama (que conta a História de Portugal ao rei de Melinde)

Plano narrativo: plano da História de Portugal

Personagens: D. João, mestre de Avis (futuro rei D. João I de Portugal), D. Nuno Álvares Pereira e D. João, rei de Castela

O início da batalha é assinalado pela trombeta castelhana e as personificações e hipérboles da estrofe 28 mostram bem o terror que percorre Portugal inteiro.

Os confrontos começam com o avanço da primeira ala castelhana e da primeira ala portuguesa, onde se destaca Nuno Álvares Pereira. Nas estrofes 30 e 31, a batalha é descrita com apelo a sensações auditivas e de movimento. Nuno Álvares Pereira enfrenta os irmãos, que combatem do lado do inimigo castelhano, e o narrador insurge-se contra aquela atitude que, no entanto, considera menos grave do que a traição à pátria («menos é querer matar o irmão / Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta», IV, 32). Esta dupla traição (à família e à pátria) é praticada por outros portugueses e explica a apóstrofe aos traidores da Antiguidade feita pelo narrador na estrofe 33.

A certa altura, Nuno Álvares Pereira vê-se cercado por inimigos e enfrenta-os, tal como um leão se lança contra os caçadores em vez de lhes virar as costas e fugir. D. João, mestre de Avis, que, «como sábio capitão» (IV, 36), percorre todo o campo de batalha, apercebe-se do perigo corrido pelo valente guerreiro português e acorre em seu socorro, sendo, por sua vez, comparado a uma leoa que pressente que lhe roubam as crias. A intervenção do mestre de Avis («Pelejai, verdadeiros Portugueses!», IV, 38) dá novo ânimo ao exército lusitano.

Sucedem-se as baixas castelhanas, sendo referidos os nomes de alguns nobres na estrofe 40 a que, naturalmente, se juntam muitas mortes de soldados do povo. A bandeira castelhana é derrubada «aos pés da Lusitana» (IV, 41), o que marca o início do fim da batalha, momento em que esta se torna ainda mais cruel, como mostra a enumeração «Com mortes, gritos, sangue e cutiladas» (IV, 42). Os soldados castelhanos que não são mortos fogem e o próprio rei de Castela desiste da sua intenção de conquistar o reino de Portugal. Nas estrofes 43 e 44, descreve-se a retirada do inimigo e os sentimentos de mágoa e revolta dos castelhanos, que maldizem aquele que pela primeira vez a guerra no mundo e culpam a ambição desmedida do seu rei.

O narrador termina este episódio referindo as diferentes atitudes dos seus dois heróis: enquanto D. João, mestre de Avis, permanece no campo de batalha, dando graças a Deus e festejando a vitória, Nuno Álvares Pereira dirige-se para o Alentejo para continuar a luta contra os castelhanos.

EPISÓDIO “DESPEDIDAS EM BELÉM” (CANTO VI, ESTROFES 83 A 93)

Consulta a ficha com a estrofe 83 do Canto IV e as páginas 223 e 224 do teu manual

Narrador participante: Vasco da Gama (que conta a sua viagem ao rei de Melinde)

Plano narrativo: plano da Viagem

Personagens: D. Manuel I, rei de Portugal (apenas na estrofe 83), Vasco da Gama e os marinheiros da sua armada, a população de Lisboa (incluindo as famílias dos navegadores) e mil religiosos (estrofe 88).

Este episódio tem como narrador participante Vasco da Gama que conta a partida da sua armada ao rei de Melinde, pelo que são notórias as marcas de enunciação na primeira pessoa (do singular, por exemplo, «Determinei», 93, IV, e do plural, por exemplo, «nos embarcarmos», 93, IV), assim como marcas da presença do destinatário («Certifico-te, ó Rei», 87, IV).

Na estrofe 83, é referida a recompensa dada pelo rei D. Manuel I aos marinheiros portugueses, que são comparados aos míticos Argonautas. Nas estrofes seguintes, o narrador descreve o entusiasmo dos marinheiros e soldados («a gente marítima e a de Marte», IV, 84) que se juntam na praia do Restelo, em Lisboa, de onde vão partir, preparados para tudo, mesmo para a morte. Após a missa na ermida de Nossa Senhora de Belém, os navegadores dirigem-se em procissão, acompanhados por «mil religiosos» (IV, 88) para as naus.

A população da cidade mostra-se consternada com a partida dos marinheiros, por os julgar perdidos «Em tão longo caminho e duvidoso» (IV, 89). O medo e o desespero são sobretudo comoventes nos familiares que choram, acreditando não tornar a ver tão cedo os navegadores. São reproduzidas as palavras de uma mãe e de uma esposa, representativas da dor de todas as mulheres que veem partir os seus filhos, maridos e irmãos. As suas interrogações, que ficam sem

resposta, expressam a insuportável incompreensão dos motivos daquela viagem. Na estrofe 92, a natureza partilha a dor humana: os montes ecoam o choro e a água do mar confunde-se com as lágrimas derramadas.

A despedida é narrada de forma comovida por Vasco da Gama que, neste episódio, revela a sua natureza humana e, simultaneamente, o seu carácter de líder. Ele participa da dor coletiva, mas, superando o seu próprio sofrimento, ordena a partida imediata, de forma determinada e corajosa. É precisamente nesta superação da dor de Vasco da Gama e dos seus companheiros que reside o seu valor heroico.

EPISÓDIO “GIGANTE ADAMASTOR” (CANTO V, ESTROFES 37 A 60)

Consulta as páginas 232 a 235 do teu manual e as fichas referentes a este episódio e ao seu confronto com o poema «Mostrengo», de Fernando Pessoa

Narrador participante: Vasco da Gama (que conta a sua viagem ao rei de Melinde)

Planos narrativos: plano da Viagem e plano Mitológico

Personagens: Vasco da Gama e os marinheiros da sua armada, o Gigante Adamastor, Tétis, Dóris (mãe de Tétis)

Neste episódio, já a meio da viagem e que se situa também a meio da epopeia, no Canto V, os portugueses deparam-se com o maior dos perigos e dos medos: o Gigante Adamastor. O narrador começa por situar a ação no tempo e no espaço, referindo que o ambiente era descontraído e a navegação decorria favoravelmente, cinco dias após a armada ter partido da baía de Santa Helena.

Subitamente, surge uma nuvem negra e assustadora sobre as cabeças dos navegadores, acompanhada dos bramidos do mar irado, «Como se desse em vão nalgum rochedo» (V, 38). Este dois elementos, que suscitam nos corações dos marinheiros «um grande medo» (V, 38), funcionam como o prenúncio do aparecimento de algo terrível que vem a corporizar-se no Adamastor. De facto, nas estrofes 39 e 40, é feita a descrição do Gigante, através de uma adjetivação muito expressiva: a sua figura é robusta e vigorosa, a sua estatura disforme é tão grande que é comparada ao Colosso de Rodes, a barba e os cabelos estão sujos de terra, a boca é negra e os dentes amarelos, os olhos são encovados. Apesar da aparência ser humana (excetuando o tamanho que é o de um gigante), a referência à terra e às cores sugerem já um associação daquela figura a um rochedo. Para além da descrição física, também o comportamento do Adamastor inspira terror: a sua postura é «medonha e má» (V, 39) e o tom de voz «horrendo e grosso».

A reprodução em discurso direto da primeira parte do discurso do Adamastor ocupa as estrofes 41 a 48. O Gigante dirige-se aos navegadores chamando-lhes «gente ousada» (V, 41), reconhecendo a coragem, a persistência e a curiosidade dos portugueses que os tornam superiores a todos os outros povos. Procura também intimidá-los com ameaças de graves perigos, mortes e naufrágios futuros, com que se vingará por terem invadido os seus domínios. Refere nomeadamente o fim terrível que terão Bartolomeu Dias, o primeiro a dobrar o cabo das Tormentas, D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, e Manuel de Sousa Sepúlveda e a sua esposa a quem o «negro fado» (V, 46) permitiu que sobrevivessem a um naufrágio apenas para conhecerem novos sofrimentos antes de morrerem.

No entanto, Vasco da Gama não se deixa vencer pelas terríveis ameaças e, recuperando a coragem de um verdadeiro herói épico, para quem a curiosidade supera sempre o medo, ergue-se e enfrenta o Gigante com a inesperada pergunta «Quem és tu?» (V, 49). Esta interrupção do comandante da armada obriga o Adamastor a identificar-se como o cabo «Tormentório» (V, 50), nunca antes descoberto pelos geógrafos desde a Antiguidade. A segunda parte do seu discurso, nas estrofes 50 a 59, vai fazê-lo recordar a sua triste história: fora um dos gigantes que se revoltara contra Júpiter e que, com os seus irmãos, se envolvera na guerra contra os deuses. O seu combate travara-se contra Neptuno, permitindo-lhe perseguir também a nereida (ou ninfa do mar) Tétis, por quem se apaixonara. Esta, no entanto, enganou e humilhou o Gigante e a sua dor foi ainda aumentada pelo castigo dos deuses que, vencedores da guerra, o transformaram no cabo das Tormentas, onde, «por mais dobradas mágas», nunca se consegue afastar daquela que destróu o seu coração.

O episódio termina com o desaparecimento do Adamastor (ou seja, com o afastamento das naus do cabo das Tormentas, que conseguiram dobrar em segurança) e com a súplica de Vasco da Gama a Deus para que não se concretizassem as ameaças do Gigante.

A figura do Adamastor surge, na epopeia de Camões, como um símbolo dos perigos terríveis que os portugueses tiveram de enfrentar e ultrapassar com coragem e ousadia. Representa o maior de todos os obstáculos na realização de qualquer viagem - o medo do desconhecido. Perante o desconhecido, os navegadores enfrentam o terror e desvendam os seus mistérios. Este episódio simboliza, portanto, a vitória sobre o medo e sobre os perigos ignorados.

EPISÓDIO “TEMPESTADE E CHEGADA À ÍNDIA” (CANTO VI, ESTROFES 70 A 93)

Consulta as páginas 240 a 243 do teu manual e a ficha referente a este episódio

Narrador: não participante (o poeta)

Planos narrativos: plano da Viagem e plano Mitológico

Personagens: Vasco da Gama e os marinheiros da sua armada, Vénus e as Nereidas (ninfas do mar) e o piloto que os portugueses trouxeram de Melinde

Antes deste episódio: Após a partida da armada de Vasco da Gama de Melinde, trazendo consigo um piloto que os conduzirá até à Índia, Baco, vendo que os portugueses estão prestes a chegar ao Oriente, consegue que se realize um Consílio dos Deuses Marinhos que toma uma decisão: Éolo soltará os ventos para provocar uma tempestade e impedir a armada de atingir o seu destino

O resumo deste episódio encontra-se na ficha realizada em aula - relê-a atentamente ao mesmo tempo que relês as estrofes d’*Os Lusíadas* correspondentes.

Este episódio simboliza a vitória da coragem humana sobre as forças da Natureza e, por outro lado, a vitória do Amor (representada por Vénus e pelas ninfas sedutoras) sobre o ódio e a inveja (de Baco).

EXEMPLOS DE TEXTOS EXPOSITIVOS A REDIGIR A PARTIR DE ESTROFES D' *Os Lusíadas*

Seguem-se exemplos de textos expositivos a redigir a partir de estrofes d'Os Lusíadas, tal como te pode ser pedido que faças na Parte C do Grupo I da Prova Final. Alguns foram retirados de exames de anos anteriores e alguns (os que se encontram a **azul**) já os fizeste nas aulas ou como trabalho de casa. Os critérios de classificação ou sugestões de correção estão no final.

Nota: Na prova modelo (publicada no blogue), a parte C é sobre o episódio do “Gigante Adamastor”!

1. Lê a **estância 3 do Canto I** de *Os Lusíadas* (página 193 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item apresentado.

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo da estância. O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Integração da estância na estrutura interna da obra.
- Indicação daquele que será o herói exaltado na epopeia camoniana.
- Referência à comparação feita entre o herói cantado por Camões e os quatro heróis da Antiguidade clássica mencionados e à simbologia de Neptuno e Marte.
- Explicitação da importância dos dois últimos versos para a glorificação e mitificação do herói em *Os Lusíadas*.

Paiva, Ana Miguel da, et alii. (Para)Textos - Português, 9.º Ano. Porto Ed. 2013 (adaptado)

2. Lê a **estância 20 do Canto I** de *Os Lusíadas* (página 199 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item apresentado.

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo da estância. O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertence a estância.
- Explicitação do motivo pelo qual as personagens «Se ajuntam em consílio» (verso 3).
- Localização espacial da ação narrada.
- Identificação da entidade que convoca a reunião e do seu mensageiro.
- Explicitação da importância deste episódio para a glorificação do herói de *Os Lusíadas*.

Paiva, Ana Miguel da, et alii. (Para)Textos - Português, 9.º Ano. Porto Ed. 2013 (adaptado)

3. Lê as **estrofes 33 e 34 do Canto I** de *Os Lusíadas* (página 201 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 33 e 34.

O teu texto deve incluir:

- uma parte introdutória, em que identifies o episódio a que pertencem as estrofes e as duas personagens que, nestas estrofes, defendem posições opostas relativamente aos portugueses;
- uma parte de desenvolvimento, na qual indiques o motivo da discussão entre essas duas personagens e três razões que suportam a posição sustentada pela personagem que defende os portugueses;
- uma parte final, em que justifiques a importância deste episódio na glorificação do herói de *Os Lusíadas*.

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2010, 1ª chamada - adaptado)

4. Lê as **estrofes 120 e 121 do Canto III** de *Os Lusíadas* (página 207 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item apresentado.

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que identifies:

- o episódio a que estas estrofes pertencem;
- as personagens referidas;
- dois traços físicos e dois aspetos do estado de espírito da figura feminina;
- três dos sentimentos expressos.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2008, 2ª chamada - adaptado)

5. Lê as **estrofes 122 e 123 do Canto III** de *Os Lusíadas* (página 207 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 122 e 123.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Identificação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Identificação das personagens históricas nelas mencionadas.
- Indicação da decisão referida na segunda estrofe.
- Explicitação das razões que, segundo o narrador, motivaram essa decisão.
- Referência ao sentimento expresso pelo narrador com a interrogação final.
- Referência à razão que originou esse sentimento.

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2009, 1ª chamada adaptado)

6. Lê as **estâncias 124 e 125 do Canto III** de *Os Lusíadas* (página 208 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item apresentado.

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estâncias. O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertencem a estâncias.
- Identificação do narrador e da personagem a quem se dirige.
- Identificação das personagens mencionadas nestas estrofes.
- Descrição do estado de espírito das personagens.
- Explicitação das razões que justificam o estado de espírito das personagens

Paiva, Ana Miguel da, et alii. (Para)Textos - Português, 9.º Ano. Porto Ed. 2013 (adaptado)

7. Lê as **estrofes 134 e 135 do Canto III** de *Os Lusíadas* (página 209 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 134 e 135.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Identificação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Explicitação dos dois elementos que são comparados na primeira estrofe e referência a duas características comuns a ambos.

• Indicação da reação das «filhas do Mondego» (estrofe 135) à situação descrita.

• Referência à origem da «fresca fonte» (estrofe 135).

• Explicação do nome atribuído à fonte referida na segunda 135.

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2011, 2ª chamada - adaptado)

8. Lê a **estrofe 84 do Canto IV** de *Os Lusíadas* (página 223 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item apresentado.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo da estrofe 84.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertence a estrofe.
- Identificação do narrador e dos grupos de personagens referidos como «a gente marítima e a de Marte» (estrofe 84).
- Referência ao momento da ação e apresentação de um elemento relativo ao espaço.
- Descrição do estado de espírito das personagens.
- Referência a uma semelhança entre este episódio e o episódio «O Adamastor».

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2011, 1ª chamada - adaptado)

9. Lê a **estrofe 88 do Canto IV** de *Os Lusíadas* (página 224 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item apresentado.

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que identifiques:

- o episódio a que esta estrofe pertence;
- o momento da ação nela representado e os seus intervenientes;
- dois dos sentimentos vividos pelos presentes.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos acima referidos.

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2008, 1ª chamada - adaptado)

10. Lê a **estância 93 do Canto IV** de *Os Lusíadas* (página 224 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo da estrofe 93.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertence a estância.
- Identificação do narrador e das personagens a que se refere o pronome «nos» (verso 5).
- Referência ao estado de espírito das personagens.
- Explicitação do motivo que leva a que as personagens embarquem «sem a vista» (verso 1) levantarem e sem o «despedimento costumado» (verso 6).

Paiva, Ana Miguel da, et alii. (Para)Textos - Português, 9.º Ano. Porto Ed. 2013

11. Lê a estância 49 do Canto V de *Os Lusíadas* (página 234 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo da estrofe 49.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertence a estância.
- Identificação do narrador e da personagem a quem se dirige.
- Explicitação dos «Fados» (verso 2) anunciados pelo monstro.
- Caracterização do estado de espírito das personagens.
- Explicitação da reação do «monstro horrendo» (verso 1) à pergunta que lhe é feita.

Paiva, Ana Miguel da, et alii. (Para)Textos - Português, 9.º Ano. Porto Ed. 2013

12. Lê o poema “O Mostrengo”, de Fernando Pessoa (página 237 do Manual).

Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que apresentes linhas fundamentais de leitura do poema de Fernando Pessoa e em que relaciones este poema com o episódio «O Adamastor», de *Os Lusíadas*.

O teu texto deve incluir:

- uma parte introdutória, na qual identifies as figuras que dialogam e o espaço onde se encontram;
- um desenvolvimento, no qual explicites as atitudes e os comportamentos das figuras que interagem e a forma como vão evoluindo ao longo do poema;
- uma parte final, em que relaciones o poema com o episódio «O Adamastor», de *Os Lusíadas*, apontando duas semelhanças entre ambos.

(Exame Nacional de Língua Portuguesa - 2009, 2ª chamada adaptado)

13. Lê a estância 86 do Canto VI de *Os Lusíadas* (página 242 do teu manual) e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo da estrofe 86.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertence a estância.
- Identificação do enunciador dos versos 1 a 4.
- Identificação das «obras» (verso 1) que são atribuídas a Baco.
- Explicitação do motivo que levava as «Ninfas amorosas» (verso 7) a colocarem «Grinaldas nas cabeças» (verso 8).

Paiva, Ana Miguel da, et alii. (Para)Textos - Português, 9.º Ano. Porto Ed. 2013

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO OU SUGESTÕES DE CORREÇÃO DOS TEXTOS EXPOSITIVOS

1. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

- (a) Integra a estrofe na Proposição.
- (b) Identifica o povo português / os Portugueses como heróis d’*Os Lusíadas*.
- (c) Refere que o povo português é superior nas navegações a Ulisses e Eneias e...
- (d) na guerra a Alexandre e Trajano.
- (e) Refere que Neptuno simboliza o mar e...
- (f) Marte simboliza a guerra.
- (g) Refere a superioridade do povo português relativamente a todos os heróis da Antiguidade.

2. Proposta de correção:

A estância apresentada pertence ao episódio do «Consílio dos Deuses». Neste episódio, os deuses reúnem-se para decidir o futuro dos Portugueses, nomeadamente se estes deverão ser ajudados a chegar em segurança ao Oriente.

Um após outro, os deuses, que tinham sido convocados por Mercúrio a pedido de Júpiter, chegam ao Olimpo, onde terá lugar o Consílio.

Este episódio contribui para a glorificação do herói d’*Os Lusíadas* uma vez que mostra que o povo português é tão importante que os próprios deuses mitológicos se reúnem em consílio para decidir o seu futuro.

(91 palavras)

3. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

- (a) Identifica o episódio: «Consílio dos Deuses (no Olimpo)».
- (b) Identifica as duas personagens: Vénus e Baco.
- (c) Indica o motivo da discussão: os deuses discutem o sucesso da viagem dos portugueses.
- (d), (e) e (f) Indica três razões que suportam a posição defendida por Vénus:
 - considera os portugueses muito semelhantes aos romanos;
 - reconhece aos portugueses enorme coragem;
 - vê os portugueses como um povo predestinado ao sucesso;
 - considera a língua portuguesa muito próxima do latim;

- sabe que será celebrada nos locais onde os portugueses chegarem.

(g) Justifica a importância do episódio na glorificação do herói: o destino do herói é de tal forma importante que obriga os deuses a reunirem-se em assembleia.

4. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

(a) Identifica o episódio: «Inês de Castro».

(b) e (c) Identifica as personagens referidas: Inês de Castro e Príncipe D. Pedro.

(d) e (e) Identifica dois traços físicos da figura feminina: linda, com olhos formosos e jovem.

(f) e (g) Identifica dois aspectos do estado de espírito da figura feminina: iludida, triste, pensativa, apaixonada, sonhadora...

(h), (i) e (j) Refere três dos sentimentos expressos: o amor, a paixão, a tristeza, a solidão, a saudade, a alegria do tempo passado, a ilusão...

5. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

(a) Identifica o episódio: «Inês de Castro».

(b) Identifica inequivocamente as três personagens históricas mencionadas: Inês de Castro, D. Pedro e o rei (D. Afonso IV / o pai de D. Pedro).

(c) Indica a decisão referida na segunda estrofe: o rei determina a morte de Inês.

Indica as razões que, segundo o narrador, conduziram o rei a tomar tal decisão:

(d) «o murmurar do povo»;

(e) a recusa de D. Pedro em casar / a relação de D. Pedro com Inês de Castro;

(f) a eliminação de Inês de Castro ser, para o rei, a única forma de acabar com a ligação entre ambos.

(g) Refere o sentimento expresso pelo narrador com a interrogação final: indignação / revolta.

(h) Refere a razão que originou o sentimento expresso pelo narrador: o facto de o rei usar, contra Inês de Castro, a mesma força que usou contra os Mouros.

6. Proposta de correção:

As estâncias apresentadas pertencem ao episódio de «Inês de Castro» que é narrado por Vasco da Gama ao rei de Melinde. Nestas estrofes são mencionados Inês de Castro, os «algozes», o rei D. Afonso IV e o príncipe D. Pedro.

Ao ver Inês levada pelos carrascos à sua presença, D. Afonso IV sente-se comovido e pretende perdoá-la. No entanto, o povo convence-o a condenar a fidalga. Inês, desesperada, pede piedade com o seu olhar. A saudade de D. Pedro e dos filhos intensifica a sua mágoa e tristeza.

Temendo deixar os filhos órfãos, Inês vai dirigir-se ao rei, implorando-lhe pela sua vida.

(102 palavras)

7. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

Identifica o episódio: (a) «Inês de Castro»...

Explicita os dois elementos: (b) «a bonina» / a flor é comparada com «a pálida donzela» / com Inês de Castro.

Refere duas características comuns a ambos os elementos. Por exemplo: (c), (d) a palidez; a morte precoce.

Indica a reação das «filhas do Mondego». Por exemplo: (e) as «filhas do Mondego» choraram a morte de Inês.

Refere a origem da «fresca fonte»: (f) a «fresca fonte» teve origem nas lágrimas choradas pelas «filhas do Mondego».

Explica o nome atribuído à fonte. Por exemplo: (g) o nome da fonte, «Amores», foi atribuído em memória da história de amor vivida por Pedro e Inês.

8. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

Indica o episódio: (a) «Despedidas em Belém».

Identifica o narrador: (b) Vasco da Gama.

Identifica os dois grupos de personagens: (c) os marinheiros («gente marítima») e os soldados (gente «de Marte»).

Refere o momento da acção. Por exemplo: (d) o momento da partida das naus.

Apresenta um elemento relativo ao espaço: (e) «no porto da ínclita Ulisseia» / «(Onde o licor mistura e branca areia / Co salgado Neptuno o doce Tejo)».

Descreve o estado de espírito das personagens. Por exemplo: (f) os marinheiros e os soldados estão animados e dispostos a seguir Vasco da Gama para onde quer que seja, não olhando a perigos.

Refere uma semelhança. Por exemplo: (g) tanto «Despedidas em Belém» como «O Adamastor» são episódios da viagem para a Índia.

9. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

Indica o episódio: (a) «Despedidas em Belém».

Identifica a situação: o momento da despedida que antecedeu a partida dos navegadores para a Índia (b).

Identifica os três grupos de personagens: a população (c), os marinheiros (d) e os religiosos (e).

Identifica dois dos sentimentos vividos pelos presentes, na despedida dos portugueses: a saudade, a tristeza, a fé, o medo, a angústia... (f, g).

10. Proposta de correção:

As estâncias apresentadas pertencem ao episódio das «Despedidas em Belém» que é narrado por Vasco da Gama ao rei de Melinde. O pronome «nos», que se refere ao próprio Vasco da Gama e aos restantes navegadores, mostra que se trata de um narrador participante.

Nestas estrofes, Vasco da Gama relembra o momento da partida: face ao sofrimento dos familiares dos marinheiros e temendo que este se propague a si e à sua tripulação («Por não nos magoarmos»), dissuadindo o embarque («ou mudarmos / Do propósito firme começado»), o capitão ordena que os marinheiros entrem nas naus sem se despedirem das suas famílias.

É assim, num ambiente triste, mas de contenção de sentimentos, que a viagem tem início.

(117 palavras)

11. Proposta de correção:

A estância apresentada pertence ao episódio do «Gigante Adamastor», sendo Vasco da Gama o narrador e o Adamastor a personagem a quem ele se dirige.

O Adamastor estava a prever os «Fados» dos Portugueses, ou seja, o sofrimento, os naufrágios e as mortes que o destino reservaria para todos os que por ali passassem. Vasco da Gama, apesar de assustado pelo monstro, sente também espanto e curiosidade, e pergunta-lhe quem ele é. Esta pergunta faz o Adamastor soltar um grande grito que mostra o seu sofrimento e contar a humilhação e o desgosto amoroso provocados por Tétis.

Assim, este episódio mostra a coragem do povo português, herói d'Os Lusíadas, para quem a curiosidade supera o medo.

(116 palavras)

12. O aluno deve redigir um texto expositivo de que constem, de forma bem articulada, os seguintes elementos:

Identifica as figuras que dialogam: (a) Mostrengo e homem do leme.

Identifica o espaço em que se encontram: (b) mar / «fim do mar» / Cabo da Boa Esperança / Cabo das Tormentas. OU nau (para o homem do leme) e «à roda da nau» (para o Mostrengo).

Explicita a atitude do Mostrengo: (c) manifesta indignação pela afronta que representa a ousadia da invasão dos seus domínios.

Explicita a atitude inicial do homem do leme: (d) manifesta medo ao tremer enquanto responde ao Mostrengo.

Explicita a evolução das atitudes e dos comportamentos das figuras: (e) o homem do leme manifesta coragem e determinação, quando, vencido o medo, enfrenta o Mostrengo / o desconhecido; (f) o Mostrengo mantém a sua atitude. OU o Mostrengo mantém a sua atitude, embora, na terceira estrofe, se registre o seu silêncio e apenas o homem do leme intervenha.

Relaciona o poema com o episódio «O Adamastor», apontando duas semelhanças entre o poema e o episódio. Por exemplo: (g), (h) as figuras Mostrengo e Adamastor / o espaço / a interação entre a figura mitológica e a figura humana / a determinação face ao desconhecido.

13. Proposta de correção:

A estância apresentada pertence ao episódio da «Tempestade e Chegada à Índia».

As palavras apresentadas nos versos 1 a 4 são ditas por Vénus que mostra ter conhecimento de que a terrível tempestade que se abateu sobre a armada de Vasco da Gama não foi um fenómeno natural, mas, sim, da responsabilidade de Baco. Mais uma vez, o deus do vinho procura prejudicar os Portugueses, tentando impedir que cheguem à Índia.

Para garantir que os navegadores alcançam o seu destino, Vénus ordena às Ninfas que coloquem «Grinaldas nas cabeças», de modo a seduzirem e acalmarem a fúria dos ventos. Assim, com o fim da tempestade, as naus de Vasco da Gama podem prosseguir a sua viagem.

(117 palavras)